

Concorrentes internacionalistas: Anarquismo Transnacional, Anti-Imperialismo e Expansão dos EUA no Caribe, 1890-1920*

Kirwin R. Shaffer**

Resumo: Neste artigo, o pesquisador demonstra a ação anarquista e as redes transnacionais no Caribe em meio a expansão imperialista dos EUA na região. À partir de uma análise histórica, Kirwin Schaffer demonstra o envolvimento anarquista no anti-imperialismo e nas lutas sindicais deste contexto, além a reação governamental diante as ações políticas libertárias. O autor também ressalta a postura anti-imperialista e anti-militarista do anarquismo daquele período, em oposição a política externa expansionista dos EUA.

Palavras-chave: anarquismo, anti-imperialismo, anti-militarismo

Introdução

No início de 1900, os anarquistas penetraram nos cantos mais distantes do hemisfério oeste. Em Cuba, Porto Rico e Panamá, ativistas - como seus camaradas em todos os lugares - lutaram para criar suas próprias visões anarquistas de uma sociedade livre para todos, independentemente de raça, etnia, nacionalidade ou sexo. Para conseguir isso, os anarquistas desafiaram as estruturas de poder da sociedade: capital, igreja e Estado.

Em Cuba, Luis Barcia, Adrián del Valle, Marcelo Salinas e Antonio Penichet, em Porto Rico, Juan Vilar, Emiliano Ramos e Ventura Mijón, e no Panamá, M.D. Rodríguez, Aquilino López e José María Blázquez de Pedro sempre pensavam em si mesmos como internacionalistas. Eles rejeitaram retóricas nacionalistas e patrióticas, que eles acreditavam dividir falsamente a humanidade para o interesses materiais e políticos de algumas elites. Como tal, eles viram suas lutas locais e nacionais como parte de um movimento anti-autoritário global.

O Caribe pós-1898 ofereceu novas oportunidades para esse movimento global. No entanto, os anarquistas do Caribe enfrentaram duas situações únicas para anarquistas na América Latina. Primeiro, neste momento, Cuba, Porto Rico e Panamá estavam em transição, longe do controle político por outros países, décadas depois, do resto da América Latina: Cuba e Porto Rico da Espanha, Panamá da Colômbia. Esta nova abertura política ofereceu terreno fértil para anarquistas moldarem essas sociedades “pós-coloniais”. No entanto, essas sociedades provaram ser tudo menos independentes, já que os Estados Unidos controlavam ou moldavam fortemente os três países.

Assim, os anarquistas do Caribe enfrentaram uma situação única dos anarquistas latino-

* Esse artigo foi publicado em inglês na revista *Estudios Interdisciplinarios de América Latina Y el Caribe*, vol22, n2, 2017. Disponível em: <http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/283>

** Penn State University

americanos: ter que operar dentro do reino de controle e expansão imperial dos EUA. A independência cubana veio depois da intervenção dos EUA em 1898, três anos depois que os cubanos (com apoio anarquista) lançaram uma Guerra pela Independência. Entre 1898 e 1902, os militares dos EUA ocuparam Cuba até que o governo militar entregasse a autoridade política aos cubanos em maio de 1902, depois que os cubanos concordaram em inserir a Emenda Platt na Constituição cubana. Além de autorizar a criação de uma base naval dos EUA, a emenda permitiu que os EUA intervissem militarmente já que consideravam Cuba instável e ameaçadora os interesses dos EUA. Porto Rico tornou-se uma “colônia” não-colônia dos Estados Unidos depois de uma série de casos judiciais conhecidos como os Casos Insulares e depois que o Presidente William McKinley assinou o Foraker Aja em lei, em abril de 1900. Os casos determinaram que Porto Rico pertencia aos EUA, mas não fazia parte dele. O ato previa um governador nomeado pelo presidente dos EUA para a ilha, uma legislatura de duas casas (um sendo uma mistura de nomeados pelos EUA e Porto Rico, e o outro eleito pelos porto-riquenhos), cidadania desigual em comparação com os cidadãos estadunidenses, e nenhum sufrágio universal. Em 1903, os EUA encorajaram e orquestraram a independência do Panamá da Colômbia com a intenção de construir uma canal - um projeto que os franceses abandonaram na década de 1890. Após a independência, os EUA ganharam o controle dos dez quilômetros de largura da Zona do Canal do Caribe até Platt. A Emenda foi inserida no tratado de 1903 que criou a Zona do Canal. A Constituição da República do Panamá também permitiu que os militares dos EUA intervissem na república caso surgisse instabilidade. Esses desenvolvimentos políticos resultaram na expansão de vários setores norte-americanos para a Bacia do Caribe depois de 1898. Empresas dos EUA espalharam o capitalismo norte-americano, conselheiros políticos e militares defenderam as instituições do republicanismo, e a Federação Americana do Trabalho desenvolveu sindicatos e afiliados.

Os anarquistas desafiaram esta expansão dos EUA e, ao fazê-lo, geraram uma campanha antiimperialista que correspondia às suas agendas anticapitalistas e antipolíticas. Eles desafiaram o capital industrial baseado nos EUA em lugares como os setores cubano e porto-riquenho de exportação de açúcar e tabaco. No Panamá, um grande projeto de engenharia para construir o canal levou os anarquistas confrontar diretamente o capital; os anarquistas também enfrentaram a anti-anarquista Federação Americana do Trabalho (ANL). Os anarquistas acreditavam que a AFL favorecia os trabalhadores e interesses comerciais dos EUA. Eles pediram aos trabalhadores que evitassem a AFL ou desafiassem seu conservacionismo de dentro dos sindicatos afiliados à AFL. Os anarquistas também atacaram o surgimento da democracia representativa de estilo americano que consideravam enganosa: as massas supostamente tinham voz, mas a elite administrava esses lugares para promover seus próprios interesses e os interesses dos senhores dos EUA. Finalmente, eles

criticaram o conluio dos governos caribenhos com os EUA, denunciaram as intervenções militares dos EUA e o militarismo em geral, e desafiaram os conceitos americanos de pan-americanismo. Como resultado, anarquistas regionais confrontaram não apenas governos “nacionais”, empresas e a Igreja Católica, mas também o alcance imperial da economia e política dos EUA no Caribe.

Este artigo é uma história comparativa e transnacional do Caribe. Não se pode entender as penetrações transnacionais dos anarquistas sem entender como os anarquistas operavam dentro dos contextos específicos de Cuba, Porto Rico e Panamá. Da mesma forma, não se pode entender cada grupo sem entender como a rede anarquista moldou a experiência desses radicais em Cuba, Porto Rico e Panamá. Cuba foi a principal rede do Caribe, onde o maior número de grupos anarquistas se desenvolveram, onde mais escolas anarquistas e institutos de saúde foram iniciados, e onde a cultura anarquista prosperou. É também onde muitos anarquistas da região passaram algum tempo mudando-se entre os EUA, Panamá ou Porto Rico. Finalmente, anarquistas em Cuba publicaram a maioria dos jornais da região. Esses jornais coordenavam respostas anarquistas e iniciativas na ilha e tornaram-se o destino para comunicados anarquistas e contribuições monetárias do Panamá e do Porto, especialmente quando nenhum deles teve sua própria imprensa. Assim, contribuições monetárias fluíram para Havana visando apoiar causas anarquistas regionais e internacionais, e correspondentes anarquistas enviaram colunas para serem impressas em Havana e depois enviadas de volta a Porto Rico e Panamá. De fato, muito do que sabemos sobre os anarquistas em Porto Rico e Panamá só pode ser derivado de suas comunicações com Cuba, tornando a metodologia transnacional (estudando fluxos de comunicação, dinheiro e pessoas) fundamental para o entendimento de cada país em particular. Conseqüentemente, este artigo examina respostas e iniciativas anarquistas em cada localidade, compara-as e, ao fazê-lo, ilustra como a rede anarquista confrontou a expansão militar, econômica e política dos EUA de 1890 a 1920, gerando uma consciência regional anarquista.

Desvendando a rede anarquista do Caribe

Durante as primeiras décadas após a independência cubana da Espanha em 1898, os anarquistas migraram para a ilha, fundindo-se com os anarquistas locais para desenvolver lentamente o maior e mais prolífico movimento na Bacia do Caribe.

Até a Primeira Guerra Mundial, os anarquistas publicaram mais de 15 jornais. O mais importante e duradouro foi o semanário *¡Tierra!*, publicado em Havana de 1902 a janeiro de 1915. Para a maior parte de sua longa jornada, *¡Tierra!* tomou questões do anarquismo internacional e as “cubanizou” para o público do país. Ao mesmo tempo, o jornal recebia regularmente correspondentes anarquistas em toda a Cuba que enviavam cartas e dinheiro para o movimento em Havana. Essa correspondência foi impressa em novas edições do jornal e enviada através da ilha.

Além disso, o jornal arrecadou fundos para anarquistas que entraram em conflito com a lei em toda a ilha. Assim, o documento ligava grupos anarquistas distantes em um movimento anarquista em toda a ilha.

O jornal não apenas uniu os anarquistas da ilha, mas também o centro jornalístico para os anarquistas em todo o Caribe, desempenhando um importante papel comunicativo e financeiro em toda a extensa rede regional. Em particular, anarquistas de Porto Rico e do Canal do Panamá contribuíram com artigos sobre o status de suas organizações e as condições que enfrentavam. Na falta de recursos para apoiar sua própria mídia radical a longo prazo, esses anarquistas - muitas vezes com ligações pessoais a Havana - enviavam correspondência e dinheiro para Cuba e, em troca, recebiam novas cópias do jornal. Desta forma, leitores de todo o Caribe puderam ler sobre desenvolvimentos locais, manter-se a par de ações anarquistas e medidas do governo contra seus companheiros, e desenvolver uma política regional de conscientização comparando suas lutas com os companheiros de todo o Caribe.

O papel de Havana como centro da rede sofreu um grande golpe quando a repressão do governo cubano contra os radicais começou em 1914. Com a repressão governamental nas zonas rurais do açúcar e menos dinheiro causaram o fechamento do *¡Tierra!* e com isso o declínio na comunicação regional. No entanto, por mais de uma década, este jornal, seus editores e escritores de todo o Caribe sintetizaram como a mídia radical ligou, configurou e enquadrou a causa anarquista em todo o Caribe. Em essência, os repórteres ativistas da região cooperaram com o jornal editores para tornar o jornal uma ferramenta chave que ligava a rede anarquista em Cuba dominada pelos EUA, a posse de Porto Rico pelos EUA e a Zona do Canal do Panamá controlada pelos EUA.

Enquanto *¡Tierra!* gozava de status privilegiado como o jornal anarquista mais antigo do Caribe, certamente não era o único. Entre 1898 e 1929, anarquistas nesses três locais publicaram pelo menos 42 jornais. Trinta deles estavam em Cuba, cinco no Panamá ou na Zona do Canal do Panamá e sete em Porto Rico. Enquanto *¡Tierra!* desempenhou um papel como um jornal transnacional, alguns outros jornais também o fizeram - mas por menor duração. Os primeiros foram *El Produtor* de Havana, *El Despertar* e *El Rebelde* de Nova York, e *El Esclavo* de Tampa - todos publicados na década de 1890 e focados em papéis anarquistas na guerra cubana pela independência. No Caribe pós-guerra, *¡Tierra!* tomou o centro, mas tinha competição. Por exemplo, de 1911 a 1912, duas redes anarquistas rivais ligaram a Zona do Canal, Cuba e Espanha. Uma rede publicava o jornal *El Único*, da Zona do Canal, órgão da Federação Internacional Individualista. Uma das principais funções dessa rede era financiar outro jornal em Havana para rivalizar com o *¡Tierra!*. Por um tempo, este periódico - *Via Libre* - foi quase totalmente financiado por anarquistas na Zona do Canal como um esforço regional para minar os anarquistas que publicavam o *¡Tierra!* e

lançar críticas a outros anarquistas que não gostavam dos editores do *El Único* (ou seja, o Partido Liberal Mexicano e Ricardo Flores Magón em Los Angeles). Em Porto Rico, o *El Comunista* surgiu em 1920, publicado por um grupo de anarquistas de longa data na cidade de Bayamón, cidade onde ocorreu a produção de fumo. Numa época em que nenhum outro jornal anarquista regional estava saindo de Cuba, o grupo Bayamón transformou o *El Comunista* em um órgão de propaganda que atacava o Partido Socialista da ilha, o movimento de independência e o neocolonialismo dos EUA, enquanto tratava de questões regionais. Eles distribuíram o jornal no Caribe e nos EUA.

Embora a imprensa anarquista fosse um componente que ligava anarquistas caribenhos a uma rede regional, intimamente ligados a esse projeto estavam homens e mulheres que estavam migrando por toda a região, que “viviam o internacionalismo” e que frequentemente encontravam o imperialismo dos EUA em diferentes contextos. Esses anarquistas migrantes eram a carne e o rosto da rede. Eles usaram contatos de suas viagens para desenvolver e manter ligações que conectavam diferentes partes dessa rede. Por exemplo, em 1910 e 1911, Aquilino López e M.D. Rodríguez deixaram Cuba, onde trabalharam com diferentes grupos anarquistas por vários anos, e chegaram à Zona do Canal do Panamá, onde começaram a organizar grupos anarquistas em toda a Zona. Como mencionado acima, esses grupos arrecadaram dinheiro para causas internacionais, lançaram o jornal *El Único*, e enviaram dinheiro e artigos para o novo jornal *Via Libre*, de Havana. Em suas colunas da Zona do Canal e no *El Único*, bem como colunas de escritores rivais do Canal para *¡Tierra!*, esses anarquistas migrantes criticaram o controle dos EUA na Zona. Onde quer que os papéis de Havana fossem distribuídos por toda a região - incluindo de volta ao Panamá - os artigos informavam os leitores sobre as condições do Canal do Panamá sob uma perspectiva anarquista.

Da mesma forma, os anarquistas viajaram entre Cuba e Porto Rico. O líder trabalhista porto-riquenho Santiago Iglesias Pantín foi um anarquista que fugiu de Cuba durante a Guerra pela Independência; no entanto, ele logo abandonou o anarquismo quando chegou a San Juan. Luisa Capetillo, a anarquista caribenha mais conhecida de Porto Rico, fez ondas em Cuba em 1915 quando assinou um manifesto trabalhista e foi condenada a ser deportada. Ela não foi deportada, mas foi presa por usar roupas masculinas em público. Suas experiências cubanas foram seguidas em Porto Rico e além, e ajudou a aumentar seu status já considerável na esquerda porto-riquenha, quando voltou a agitar em Porto Rico no final de 1915. Da mesma forma, os anarquistas porto-riquenhos tinham uma longa história de viajar da ilha para Nova York, Tampa, e Havana. Em 1912, Angel María Dieppa e Ventura Mijón trabalharam em Tampa com o anarquista cubano Marcelo Salinas e com os anarquistas espanhóis que pouco tempo depois se envolveram no assassinato do primeiro-ministro espanhol José Canalejas. Em 1919, Ramón Barrios e Alfredo Negrín - anarquistas de longa data da cidade porto-riquenha de Bayamón - viajaram para Cuba visando trabalhar com

anarquistas e buscaram apoio cubano para uma greve dos trabalhadores de tabaco em Tampa. Eles foram presos e deportados durante o Red Scare gerado pelos EUA que, como veremos, foi estendido aos protetorados americanos no Caribe.

Os movimentos anarquistas caribenhos fora de Cuba eram pequenos e subfinanciados, lutando com seus próprios problemas locais e nacionais. Em última análise, eles eram de curta duração. Ao explorar a correspondência de anarquistas fora de Havana e rastrear fluxos de dinheiro para a imprensa anarquista daquela cidade, a rede anarquista transnacional no Caribe começa a emergir. A mídia radical da rede também lança luz sobre os padrões de migração dos anarquistas caribenhos que se tornaram correspondentes e angariadores de fundos regionais - em resumo, a face humana da rede.¹

Anarquistas do Caribe e os primeiros anos da expansão dos EUA, 1898-1904

Durante a primeira década do século XX, o investimento dos EUA foi para a região do Caribe, reformulando as economias locais. Em 1905, corporações e indivíduos dos EUA possuíam 60% das terras em Cuba. O General Leonard Wood supervisionou a ocupação de Cuba de 1899 a 1902 e promoveu o investimento privado dos EUA em projetos de obras públicas e privadas em toda a ilha. Segundo um historiador, a “tática de Wood era criar uma aliança entre os EUA e Cuba por meio de conexões políticas, sociais, culturais e econômicas informais que seriam estabelecidas em grande parte por meio do investimento direto nos EUA.”² Tanto em Cuba quanto em Porto Rico, a American Tobacco Company (comumente conhecida como "Confiança") começou a dominar a produção de tabaco. Por exemplo, em Porto Rico, em 1909, 79% do tabaco da ilha era controlado pelo Fundo. Tanto em Cuba quanto em Porto Rico, a fabricação de charutos começou a mudar da produção artesanal para a de fábrica até 1900, mas a chegada da confiança à produção em massa de charutos para o mercado americano rapidamente proletarizaram a força de trabalho. Os trabalhadores porto-riquenhos da indústria do tabaco cresceram 197% de 1899 a 1909.³ Enquanto isso, em 1904, os EUA começaram a construir um canal pelo Panamá. A Zona do Canal foi totalmente administrada pelo governo dos EUA sob a autoridade da Comissão do Canal Isthmiano (ICC) e utilizou concreto, aço e outros suprimentos de empresas dos EUA.

Nos três locais, o movimento trabalhista dos EUA também chegou para organizar os

1 Pelo papel de *¡Tierra!* nesta rede, veja “Havana Hub: Cuban Anarchism, Radical Media, and the Trans-Caribbean Anarchist Network, 1902-1915.” *Caribbean Studies* 37, 2 (2009), 45-81.

2 Juan C. Santamarina. “The Cuba Company and the Expansion of American Business in Cuba, 1898-1915.” *The Business History Review*, 74, 1 (2000), 45. See also Louis A. Pérez. *Cuba Between Empires, 1792-1902*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press (1983), 359.

3 Ángel Quintero-Rivera. “Socialist and Cigarmaker, Artisans’ Proletarianization in the Making of the Puerto Rican Working Class.” *Latin American Perspectives* 10, 2-3 (Spring-Summer 1983), 31-33; Arturo Bird Carmona. “Parejeros y desafiantes: la comunidad tabaquera de Puerta de Tierra a principios del siglo xx. Río Piedras, Puerto Rico: Ediciones Huracán (2008), 74-5; Juan Ángel Silén. *Apuntes: Para la historia del movimiento obrero puertorriqueño*, Second Edition. Río Piedras, Puerto Rico: Norberto González (1995), 50.

trabalhadores; no entanto, a AFL liderada por Samuel Gompers fez incursões irregulares nesse novo ambiente de trabalhadores falantes de espanhol. A AFL teve pouca sorte em Cuba, embora Gompers tenha viajado para Havana durante uma greve dos trabalhadores do tabaco em fevereiro de 1900. De modo geral, a AFL também se afastou da Zona do Canal antes dos anos 1910. No entanto, em Porto Rico, a Federação Livre dos Trabalhadores (FLT), criada em 1899, organizou trabalhadores de todos os ofícios e aliou-se à AFL. Os trabalhadores do tabaco também organizaram uma filial dos fabricantes de charutos da AFL, a International Union (CMIU), de modo que, em 1910, a AFL tinha duas conexões que chegavam à força de trabalho porto-riquenha.⁴

Como as iniciativas políticas, econômicas e trabalhistas dos EUA se espalharam pelo Caribe depois de 1898, os anarquistas também o fizeram, migrando da Espanha e viajando entre Cuba, Porto Rico e os EUA. Desde a década de 1880, anarquistas em Havana haviam dominado o movimento trabalhista da cidade. Na década de 1890, anarquistas baseados em Havana moviam-se de um lado para o outro através do Estreito da Flórida para enrolar charutos e protestarem na Flórida e em Cuba. Durante a Guerra Cubana pela Independência, a maioria dos anarquistas de ambos os lados do Estreito apoiaram a guerra, fornecendo dinheiro e lutadores, bem como realizavam sabotagem na ilha.⁵

Em janeiro de 1899, após a conclusão da guerra, os anarquistas Luis Barcia e Adrián del Valle começaram a publicar o *El Nuevo Ideal* em Havana. Esses anarquistas desafiaram a elite cubana por abandonar as reformas sociais que haviam prometido às classes populares em troca de seu apoio em tempo de guerra, e também lançaram críticas antiimperialistas ao crescente poder e influência norte-americanas. Por exemplo, Barcia e outros lamentaram a ocupação militar da ilha, comparando-a com a das Filipinas, que também estava sob controle dos EUA.⁶ No primeiro ano da ocupação cubana, os anarquistas estavam entre os muitos grupos que questionaram se os motivos dos EUA na ilha e os projetos dos EUA para Cuba eram realmente verdadeiros aos melhores interesses de Cuba. Por exemplo, um novo sistema educacional foi modelado depois que a Cidade das Escolas em Nova York foi implementada na ilha. Além de ensinar educação cívica republicana, a instrução de inglês era fundamental para o currículo. Os anarquistas viam isso como um ato de imperialismo. Embora esses “senhores de Nova York” retratassem o homem moderno como capaz de falar inglês, os anarquistas argumentaram que o verdadeiro objetivo da instrução inglesa era

4 Joseph Bedford. “Samuel Gompers & the AFL, Cuba & Puerto Rico, 1898-1906.” *Labor’s Heritage* 6, 4 (1995), 9-11; Julie Greene. *The Canal Builders: Making America’s Empire at the Panama Canal*. New York: Penguin Press (2009), 25-6, 61-2, 86-99

5 Gerald E. Poyo. “The Anarchist Challenge to the Cuban Independence Movement, 1885- 1890.” *Cuban Studies/Estudios Cubanos* 15, 1 (1985), 29-42; Joan Casanovas. *Bread, or Bullets!: Urban Labor and Spanish Colonialism in Cuba, 1850-1898*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press (1998), 222-31; Kirk Shaffer. “Tropical Libertarians: Anarchist Movements and Networks in the Caribbean, Southern US and Mexico, 1890s-1920s.” *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Post-Colonial World, 1870-1940: The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution*, Steven Hirsch and Lucien van der Walt, eds. Leiden, The Netherlands: Brill Academic Publishers (2010), 273-320.

6 *El Nuevo Ideal* (Havana), Fevereiro 4, 1899, p. 2; August 24, 1899, p. 2.

anexar Cuba aos EUA.⁷ Washington logo rejeitou os esforços para anexar Cuba, mas a presença contínua das forças armadas dos EUA e a crescente penetração do capital norte-americano incomodaram os anarquistas. Washington logo rejeitou os esforços para anexar Cuba, mas a contínua presença dos militares dos EUA e da crescente penetração do capital norte-americano, deixaram os anarquistas conturbados. Manuel M. Miranda - um anarquista cubano que acabara de retornar do exílio imposto pela Espanha na África durante a guerra - reclamou que, em Cuba, os trabalhadores americanos recebiam mais do que os trabalhadores cubanos e espanhóis. Ele observou que a American Electric Company pagava US\$ 1,50 por dia aos cidadãos americanos, mas para cubanos e espanhóis apenas noventa centavos por dia.⁸ Politicamente, Del Valle argumentou contra a alegação de Washington de que os cubanos não estavam prontos para o governo autônomo.⁹

O antagonismo jornalístico em relação aos EUA tornou-se mais tangível em fevereiro de 1900. Em 27 de fevereiro, duas semanas depois de Gompers visitar a ilha, o anarquista italiano Errico Malatesta chegou a Havana a convite de Del Valle. Depois de trabalhar por algum tempo em Nova York e Tampa, do final de fevereiro até meados de março, Malatesta falou em espanhol para os trabalhadores e ativistas da cidade em salas de reuniões lotadas no Círculo de Trabalhadores de Havana e em outros lugares. Em discursos e colunas de jornais, ele criticou a política externa dos EUA, acusando a conquista militar dos EUA em lugares como as Filipinas, que era tanto econômica quanto militar para os EUA, já que as empresas americanas agora teriam novos mercados e uma oferta de mão-de-obra importada barata. Ele alertou que isso também poderia acontecer em Cuba. “A única maneira de limitar a exploração é resistir”, concluiu ele em um discurso. Mas as autoridades estavam cautelosas. O governador Wood ordenou que Malatesta só falasse publicamente se ele se abstinhasse de usar a palavra “anarquismo” em palestras e cartas abertas aos trabalhadores da ilha, Malatesta evitou a palavra, mas não a mensagem anarquista. Ele alertou o público a ter cuidado com os cubanos que buscam um cargo político sob supervisão dos americanos. “Amanhã, os líderes cubanos varrerão os interesses de seus próprios filhos, como ocorre em todos os países" independentes”. E, acima de tudo, permanecerão os donos da terra e toda a riqueza cubana, cuja defesa contra a pilhagem trabalhadores é o fundamental. Malatesta previu o papel que os EUA desempenhariam em Cuba nos próximos vinte anos, em que os EUA repetidamente intervinham militarmente quando Washington acreditava que Cuba estava à beira de uma agitação política:

Hoje [1900], os cubanos desejam ser libertados da intervenção do governo americano - que, sob o manto mentiroso de libertador, tem como ditar e tyrannizar como em um país sob

7 *El Nuevo Ideal*, Abril 29, 1899, p. 2

8 *El Nuevo Ideal*, Julho 20, 1900, pp. 1-2.

9 *El Nuevo Ideal*, Fevereiro 11, 1899, pp. 1-2; March 25, 1899, p. 1.

conquista - e justa e santa é a sua aspiração. Mas isso não vai ser realizado nem pela classe rica que precisa de proteção americana a fim de poder explorar com segurança o trabalhador cubano energético nem pelos mercadores do patriotismo espólios intervencionistas.

Só havia uma maneira de os cubanos ficarem livres de uma dupla colaboração do governo que atuasse contra os interesses das massas. “Para ser verdadeiramente livre”, concluiu Malatesta, “é necessário se abolir, e o governo de si mesmo.”¹⁰ No entanto, para Santiago Iglesias Pantín - um anarquista espanhol que rapidamente se levantou para liderar o movimento trabalhista em Porto Rico no final da década de 1890 - os Estados Unidos eram um modelo de progresso democrático. Tendo vivido em Havana durante a guerra pela independência, ele havia visto muitos de seus amigos cubanos deportados e sido vitimados por autoridades espanholas em Cuba e em Porto Rico. O fascínio da liberdade de expressão, da imprensa e da assembléia norte-americanas se apoderou da imaginação política de Iglesias. Além disso, ele geralmente acreditava que a democracia americana beneficiava os trabalhadores.¹¹ Agora que Porto Rico estava cada vez mais ligado aos EUA, Iglesias e muitos de seus camaradas esquerdistas na Federação Regional dos Trabalhadores (FRT) - predecessora da FLT - decidiram abandonar o anarquismo, apostar na “americanização” e aliar-se com o Partido Trabalhista Socialista dos EUA.

No final de outubro de 1898, líderes trabalhistas porto-riquenhos acreditavam cada vez mais que a classe trabalhadora da ilha encontraria a salvação se eles estivessem ligados aos EUA. Em sua cobertura da reunião de 24 de outubro, Ramón Romero Rosa, inclinado ao anarquismo, observou como Iglesias “demonstrou a grandiosa expansão que hoje estamos desfrutando dentro do amplo progresso dos Estados Unidos.”¹² Ao mesmo tempo, depois de elogiar os EUA, Iglesias propôs o envio de uma delegação de trabalhadores para investigar as reais condições trabalhistas e políticas que moldam “aquela grande nação.”¹³

O FRT exigiu um dia de oito horas, um sistema de educação pública idêntico ao modelo dos EUA, sistemas de saúde e saneamento como os melhores dos EUA, licença maternidade, salário mínimo, cozinhas públicas para os trabalhadores e o fim dos impostos sobre vendas.¹⁴ A liderança do FRT também esperava que o governo dos EUA protegesse os trabalhadores porto-riquenhos. Por exemplo, quando o chefe de polícia em Aguadilla proibiu uma reunião de trabalhadores em março de 1899, o jornal do sindicato *El Porvenir Social* protestou, observando como os trabalhadores em Porto Rico e em todo os EUA tinham o direito de se reunir. As ações do chefe contradizem a

10 *La Revista Blanca* (Barcelona), December 1, 1932, pp. 400-1. *El Nuevo Ideal*, March 9, 1900, pp. 1-2; March 29, 1900, p. 1; April 6, 1900, p. 1.

11 Santiago Iglesias Pantín. *Luchas emancipadoras* (Crônicas de Puerto Rico), Tomo I. Second edition. San Juan: Imprenta Venezuela (1958), 17-19, 31-3.

12 *El Porvenir Social* (San Juan), Outubro 27, 1898, p. 1.

13 *El Porvenir Social*, Outubro 27, 1898, p. 2.

14 Iglesias Pantín, *Luchas emancipadoras*, 96.

liberdade e a igualdade que estavam na raiz do sistema democrático dos EUA. “Protestamos os funcionários públicos que tentam imitar os espanhóis com suas ações arbitrárias e reacionárias que são prejudiciais para as pessoas honradas e trabalhadoras”, proclamou o jornal.¹⁵

O relacionamento da FRT com os esquerdistas americanos e norte-americanos teve uma virada única no primeiro de maio de 1899. As festividades do primeiro de maio foram uma mistura de americanismo, socialismo e anarquismo. O desfile começou no local da FRT em San Juan, liderado pela bandeira dos Estados Unidos. Sindicatos locais seguiram, levando slogans elogiando a FRT como defensores da classe trabalhadora. Uma grande faixa vermelha cardinal com ornamentos dourados incluía o slogan "Gloria al trabajo!" com uma foto de uma águia, a bandeira dos EUA e várias estrelas de cinco pontas. A bandeira vermelha do socialismo e um grande retrato do Presidente McKinley se seguiram. O comício que o acompanhava levou pedidos de reformas sociais e à criação de um dia de trabalho de oito horas - um apelo que foi de fato promulgado (embora nunca cumprido) no dia seguinte pelo governo militar. Ao cobrir essa celebração da “esquerda” e da “America”, *El Porvenir Social* também publicou poesias do anarquista italiano Pietro Gori.¹⁶

Em 1900, Iglesias, Romero Rosa e outros se separaram da FRT para fundar a rival FLT. Enquanto a liderança da FLT continuava a promover a americanização, o socialismo parlamentar e o sindicalismo reformista, alguns anarquistas aderiram também a esse sindicato. No entanto, a presença anarquista no FLT nunca foi um ajuste confortável. Primeiro, enquanto a liderança da FLT elogiava a democracia ao estilo dos EUA, os anarquistas estavam menos seguros dessa democracia, perguntando-se se os ideais norte-americanos de igualdade e liberdade eram apenas um verniz escondendo um governo que trabalhava em conjunto com sua classe capitalista. Em segundo lugar, os anarquistas desconfiavam da política eleitoral, mas a FLT às vezes apoiava a cooperação com os partidos políticos na ilha, até mesmo candidatando cargos públicos. Em terceiro lugar, os anarquistas questionaram a crescente americanização da força de trabalho da ilha e se a AFL tinha os trabalhadores da ilha e o futuro em seus melhores interesses. Finalmente, Santiago Iglesias - o principal representante da FLT na AFL - foi pago pela AFL, não pelos porto-riquenhos. Como resultado, os anarquistas questionaram sua lealdade aos trabalhadores da ilha.¹⁷

Mais do que isso, porém, foi a denúncia pública contra o anarquismo feita por Iglesias no jornal *La Miseria*. Logo após o primeiro de maio de 1901, Iglesias atacou o anarquismo, criticando em particular atos recentes de violência anarquista no mundo. “Os anarquistas preparam conspirações para matar reis e imperadores. Esses anarquistas têm muita fé. E a triste verdade é que

15 *El Porvenir Social*, March 28, 1899, p. 1; Gervasio L. García and Ángel G. Quintero Rivera. *Desafío y solidaridad: breve historia del movimiento obrero puertorriqueño*. Río Piedras, Puerto Rico: Ediciones Huracán (1982), 33.

16 *El Porvenir Social*, Abril 11, 1899, p. 2; May 4, 1899, pp. 1-2; May 6, 1899, p. 1; Erick J. Pérez. “May Day 1899 in Puerto Rico.” *The Memory of May Day; An Iconographic History of the Origins and Implanting of a Workers’ Holiday*. Venezia: Marsilio Editori (1989), 679 and 683.

17 Miles Gavin. “The Early Development of the Organized Labor Movement in Puerto Rico.” *Latin American Perspectives* 3, 3 (1976), 28-30.

os anarquistas desperdiçam seu tempo tão pateticamente.” Anarquistas concluiu ele, “seu tempo passou. Sua função é arcaica. ... Para vocês não há mais nada a fazer.” A mensagem de Iglesias era clara. Os porto-riquenhos deveriam abandonar o anarquismo e as táticas anarquistas como a “propaganda pela ação”. O futuro da classe trabalhadora da ilha estava na AFL.¹⁸ Apesar das palavras de Iglesias, alguns anarquistas continuaram a trabalhar com seus rivais na FLT no início da era pós-Espanha.¹⁹

Enquanto os anarquistas estavam em Cuba e em Porto Rico antes das invasões dos EUA em 1898, não havia presença anarquista no Panamá até que o projeto de engenharia dos EUA facilitasse sua chegada. Tanto os EUA quanto os governos panamenhos temiam a agitação anarquista no Istmo. Para o novo governo da República do Panamá, a última coisa de que precisavam era de agitadores estrangeiros espalhando idéias de revolução social, assim como um novo governo tentava organizar o país. Era preciso apenas olhar para Cuba para ver como os anarquistas poderiam causar problemas para um novo governo, fazendo perguntas inquietantes sobre laços íntimos com Washington. Enquanto isso, os EUA não queriam que nada impedisse ou retardasse o projeto do canal que ele imaginava ser a chave para expandir o poder dos EUA no cenário mundial.

Como resultado, ambos os governos proibiram a migração de anarquistas para o istmo. Em 9 de maio de 1904, o presidente Roosevelt emitiu uma ordem executiva para este efeito, autorizando a Comissão do Canal Isthmiano a restringir a imigração. Para avaliar como o governo dos EUA via o anarquismo após o assassinato do presidente McKinley, realizado por um anarquista em 1901, basta ver como os anarquistas foram colocados em uma categoria com outros indesejáveis banidos da Zona. A ordem proibia

idiotas, insanos, epiléticos, indigentes, criminosos, mendigos profissionais, pessoas afligidas por doenças contagiosas repugnantes ou perigosas; aqueles que foram condenados por crime, anarquistas; aqueles cujo propósito é incitar a insurreição e outros cuja presença é acreditada pela Comissão tenderiam a criar desordem pública, pôr em perigo a saúde pública, ou de qualquer maneira impedir o julgamento do trabalho de abertura do canal.

Em sua reunião de fevereiro de 1905, o ICC concedeu ao governador do Canal, George Davis (que havia sido governador militar de Porto Rico, de 1899 a 1900), o poder de impor essa

18 La Miseria (San Juan), Maio 11, 1901.

19 É impossível delinear quantos anarquistas havia. Se houvesse um grande número de anarquistas, eles teriam mais condições de financiar seus próprios jornais. Ainda assim, os anarquistas serviram como líderes na FLT e em seus locais, incluindo Pablo Vega Santos, Pedro San Miguel, Alfonso Torres, Juan Vilar e Venancio Cruz. Ver, por exemplo, Libro de Actuaciones de la Primera Asamblea Regular de las Uniones Tabaqueras en Puerto Rico (Cigar Makers' Internacional [sic] Union of America). Celebrada em Caguas, P.R. durante os dias 14, 15 e 16 de julho de 1908. San Juan: Real Hermanos, 1910.

proibição como bem entendesse.²⁰ Enquanto Davis partiu em 1905, seria o sucessor dele quem se beneficiaria da clareza dessa proibição, quando Charles Magoon se tornou o novo governador. Durante um ano, Magoon supervisionou a Zona do Canal, criando uma era relativamente pacífica que ele gostaria de levar com ele quando, em 1906, foi transferido como governador militar de Cuba durante a segunda ocupação dos EUA de 1906-1909, quando o movimento anarquista daquela ilha começou a florescer. Assim, os anarquistas não só seguiram a expansão dos EUA em todo o Caribe, mas também se deparou com as mesmas autoridades coloniais dos EUA cujos postos também migraram em toda a região.

O governo panamenho seguiu a liderança do governo Roosevelt. Em 11 de junho de 1904, um mês depois da ordem de Roosevelt, o Panamá aprovou a Lei 72, artigo 5 sobre imigração. Como seus colegas norte-americanos, eles proibiram os anarquistas da República do Panamá, associando os doentes e populações criminosas. Banidos do país foram chamados de “idiotas, mendigos, anarquistas, criminosos, indivíduos de má conduta conhecida, sofredores de tuberculose, leprosos, epiléticos e, em geral, todos os estrangeiros que sofrem de doenças repugnantes e contagiosas.”²¹

Anarquistas Confrontam os EUA a partir do Internacionalismo, 1904-1914

Cuba obteve a independência formal em 20 de maio de 1902, após a convenção constitucional cubana concordar em inserir a Emenda Platt na constituição da ilha, autorizando os EUA a intervirem militarmente em Cuba para proteger a independência da ilha e salvá-la (e aumentar as preocupações comerciais dos EUA com a região) de qualquer caos político ou econômico percebido. O intervencionismo militar em Cuba foi fundamental para manter a paz e a calma na ilha para as empresas dos EUA e a estabilidade para proteger as rotas marítimas que levam ao Canal do Panamá. Quando o caos político retornou em 1906, depois que os partidos liberais e conservadores aumentaram, na guerra civil, os EUA intervieram e governaram a ilha até 1909. Os anarquistas usaram a intervenção resultante e o regime militar de três anos para desafiar o sistema político de Cuba e o imperialismo dos EUA. Os anarquistas ridicularizaram as pretensões “democráticas” do governo cubano, retratando os políticos como coniventes para ganhar votos dos trabalhadores e depois virando as costas para esses trabalhadores. Combinado com uma crítica da independência e do autogoverno de Cuba, esse retrato do republicanismo cubano foi também uma crítica dos EUA, uma vez que os EUA foram o modelo para o sistema político. No entanto, bastou um breve episódio violento para anunciar as forças dos EUA para ilustrar o quão frágil era esse sistema e quem detinha o poder real sobre a ilha. Assim, os políticos que enganaram o povo cubano para os seus votos foram os mesmos políticos cujas ações provocaram a invasão dos EUA. As

20 Proceedings of the First Canal Commission. March 22, 1904 to March 29, 1905. Washington: ICC (1905), 372-3. See also David Viñas. Anarquistas en América Latina. México, D.F.: Editorial Katún (1983), 99.

21 Gaceta Oficial, Segunda Época (Panama), Junho 23, 1904, p.1.

massas cubanas que lutaram pela verdadeira independência e revolução social não encontraram nem mesmo.²²

Não só a segunda ocupação ilustrou a quimera da independência cubana, mas também a ocupação norte-americana impediu temporariamente uma excursão de propaganda anarquista em toda a ilha quando Marcial Lores e Abelardo Saavedra, recém-chegados da Espanha, foram presos. Em resposta, os anarquistas condenaram o governo militar de Charles Magoon, comparando-o ao ex-governador militar Leonard Wood, que havia restringido os discursos de Malatesta em 1900.²³ As detenções de Lore e Saavedra também refletiam a crescente vigilância dos anarquistas da ilha pelos EUA. Autoridades da ocupação temiam que os anarquistas fossem responsáveis por novas ondas de agitação e planejamentos de atentados.²⁴

No final da ocupação em 1909, o agronegócio norte-americano se espalhou pela ilha. O aumento trouxe novos trabalhadores de toda a Cuba, Espanha e Caribe para trabalhar na agricultura. Na verdade, as áreas rurais de Cuba cresceram mais rapidamente que suas cidades.²⁵ Os anarquistas de Havana acreditavam que essas áreas em expansão estavam prontas para a agitação e logo grandes quantias de dinheiro foram despejadas em Havana por anarquistas rurais - quantias que frequentemente representavam a maioria dos periódicos anarquistas como o financiamento do *¡Tierra!*.²⁶ Em 1910, Saavedra mudou o *¡Rebelión!* para a cidade cubana central de Cruces. Lá, no coração das plantações de açúcar dos EUA, ele estabeleceu um Centro de Trabalhadores, divulgou propaganda anarquista e planejou uma conferência de trabalhadores para fevereiro de 1912.²⁷

Como o radicalismo anarquista e da classe trabalhadora começou a crescer em meados de 1914, o presidente Mario Menocal esperava acalmar a crescente agitação anarquista com uma série de leis trabalhistas, um congresso trabalhista patrocinado pelo governo e um comitê projetado para explorar problemas trabalhistas. Os anarquistas rejeitaram essas reformas graduais como meros estratagemas para obter votos da classe trabalhadora justamente quando o ativismo trabalhista parecia estar avançando. Menocal estava em um amarrado. Por um lado, os trabalhadores exigiam melhores condições e salários. Por outro lado, os capitalistas norte-americanos exigiram que o governo reprimisse os radicais. Se ele não fizesse nada - ou muito pouco - os EUA poderiam

22 *Tierra!* (Havana), Novembro 10, 1906, p. 3; Kirwin Shaffer. *Anarchism and Countercultural Politics in Early Twentieth-Century Cuba*. Gainesville: University Press of Florida (2005), 39-71.

23 *¡Tierra!*, Dezembro 15, 1906, p. 1; Junho 12, 1907, p. 1.

24 Carta do Inspetor Geral das Prisões, Instituições Penitenciárias e Caritativas ao Governador Magoon sobre a Detenção de Marcial Lores García e Abelardo Saavedra, 5 de maio de 1907; Memorando ao Chefe do Estado-Maior do Capitão John Furlong, 28 de dezembro de 1907; Memorando para o Chefe do Estado-Maior em Havana Strike Condições do Capitão John Furlong, 20 de dezembro de 1907, Record Group 199 Registros do Governo Provisório de Cuba, Arquivos Nacionais dos EUA, College Park, MD.

25 Mark Smith. "The Political Economy of Sugar Production and the Environment of Eastern Cuba, 1898-1923." *Environmental History Review* 19, 4 (Winter 1995), 39-45; Pérez, *Cuba: Between Reform and Revolution*, 225; Shaffer, *Anarchism and Countercultural Politics*, 73 and 150-3.

26 Shaffer, "Havana Hub," 57-60.

27 Shaffer, *Anarchism and Countercultural Politics*, 54.

invocar a Emenda Platt, invadir e suspender seu governo. Se usasse a violência, poderia ser acusado de ser um laçao norte-americano.²⁸ No final do verão de 1914, Menocal agiu. O exército se moveu contra os anarquistas em Cruces e Havana. Incluído neste momento foi deportado o editor do *¡Tierra!*, Juan Tur, e os ativistas Vicente Lípiz e Saavedra. Em janeiro de 1915, eles foram deportados para a Espanha e, com seus afastamentos, o *¡Tierra!*, a principal ferramenta organizacional da ilha e da região, foi fechado.²⁹

Enquanto isso, em Porto Rico, o brilho inicial da democracia americana passou rapidamente para os anarquistas. Alfonso Torres originalmente ficou intrigado com a forma de democracia dos EUA, mas advertiu os leitores em seu livro de 1905 *¡Solidaridad!* que a democracia republicana não foi a única – ou a melhor ainda – resposta à situação dos trabalhadores porto-riquenhos. De fato, ele acusou que pouco era diferente da era espanhola: “as classes trabalhadoras são tão escravizadas, tão exploradas e tão ignorantes hoje como eram ontem.” Na verdade, ele continuou, “se elas melhoraram em qualquer coisa, não foi por causa de alguma fórmula governamental que é mais ou menos democrática, mas pelo contrário, devido a seus próprios esforços.”³⁰ Venâncio Cruz ecoou a crescente crítica anarquista da política eleitoral em seu livro de 1906 *Hacia el porvenir*. A chegada de instituições “democráticas”, argumentou ele, simplesmente forneceu um novo meio para as elites aprovarem leis em seu favor “sem mais objetivo do que a submissão das massas”. Assim, era preciso questionar o valor da democracia em Porto Rico, como surgiu e quem realmente se beneficiou. “Democracia! Ontem o povo cobiçou porque foi oferecido a eles por os *chupópteros* do capital e do governo. A democracia de hoje é uma farsa, constituindo o refúgio final para os tiranos políticos.”³¹

Através de suas críticas teóricas e polêmicas da democracia, os anarquistas também desafiaram o papel do governo dos EUA na ilha. Como o governador era um nomeado presidencial dos EUA, os anarquistas estenderam sua retórica anti-política a um ataque antiimperialista. Alfonso Torres utilizou a imprensa anarquista transnacional quando levou suas críticas às páginas do *¡Tierra!* em agosto de 1906. “Aqui em Porto Rico, onde não podemos contar com o nosso próprio governo ... aqui onde não existe outro poder senão o dos norte-americanos, aqui onde o governador e o conselho executivo são os mesmos governantes, o que eles ordenam, oprime as pessoas, para que as lutas dos partidos políticos não sejam realmente sobre poder, porque o poder está em mãos estrangeiras.”³² As críticas de Torres no jornal voltaram a Porto Rico no final de agosto - bem quando

28 Shaffer, *Anarchism and Countercultural Politics*, 55.

29 Amparo Sánchez Cobos, *Sembrando Ideales: Anarquistas españoles en Cuba (1902- 1925)*. Sevilla. Consejo Superior de Investigaciones Científicas (2008), 281; Shaffer, *Anarchism and Countercultural Politics*, 55. Luisa Capetillo também foi capturado neste momento, mas escapou da deportação e continuou a agitar o anarquismo em Havana

30 Alfonso Torres. *¡Solidaridad!* San Juan: Union Tipografica (1905), 8.

31 Venancio Cruz. *Hacia el porvenir*. San Juan: La República Española (1906), 11.

32 *¡Tierra!*, Agosto 4, 1906, p. 2. Veja uma proposta similar em *Voz Humana* (Caguas, Puerto Rico), October 22, 1906, p. 1.

Cuba estourou a guerra civil e EUA lançaram sua nova ocupação. Conseqüentemente, anarquistas em Porto Rico juntaram-se a seus camaradas cubanos ao atacar o governo ao estilo dos EUA nas ilhas, publicando suas críticas no *¡Tierra!* para distribuição regional. A democracia republicana era uma ferramenta estrangeira que facilitava o colonialismo e dava a imagem da vontade popular, ao mesmo tempo em que negava às pessoas comuns que fizessem muita coisa sobre suas próprias condições políticas, econômicas e sociais. Ao mesmo tempo, os anarquistas zombavam cada vez mais dos trabalhadores que faziam parte dessa política. Como os sindicatos dos dois países às vezes trabalhavam com vários partidos políticos, os anarquistas cada vez mais criticavam sindicatos como a FLT por fazerem política partidária.³³

O emprego era um problema persistente no Canal. Funcionários do canal embarcaram em um esforço global de recrutamento que inicialmente trouxe trabalhadores contratados. De 1906 a 1908, as autoridades contrataram trabalhadores da construção civil de toda a região e do mundo: 8.298 trabalhadores chegaram da Espanha e 500 de Cuba.³⁴ Trabalhadores contratados logo descobriram que recrutadores norte-americanos tinham deturpado o trabalho. Ao chegarem na Zona do Canal, os trabalhadores encontraram uma variedade sem fim de condições de vida e de trabalho precárias. Boa comida era uma raridade. As opções recreativas eram quase inexistentes. Em vez de encontrar habitações amplas ou casas adequadas para famílias, muitos espanhóis viviam em cortiços, barracos ou até em vagões abandonados.³⁵

Não obstante as leis de exclusão, em 1905 anarquistas começaram a aparecer na Zona do Canal. Como seus camaradas porto-riquenhos, eles utilizaram o *¡Tierra!* para criticarem as condições de trabalho e o governo dos EUA, enviando também dinheiro à Cuba para apoiar as causas dos periódicos e do anarquismo.³⁶ Os anarquistas logo chegaram em número suficiente para atrair a atenção das autoridades americanas, especialmente em novembro de 1906, quando o presidente Roosevelt viajou para inspecionar o projeto. A viagem representou as preocupações de segurança significativas para o Serviço Secreto e os Funcionários do Canal. Antes de sua chegada, as autoridades detiveram numerosos anarquistas no Canal e na República.³⁷ Durante sua visita, Roosevelt alertou os panamenhos a serem vigilantes contra as revoluções, elogiou o trabalho da polícia do Canal para manter a ordem e prometia aos trabalhadores melhores condições de vida.³⁸

33 Veja os trechos em *¡Tierra!*, Setembro 2, 1905, p. 2 e Outubro 7, 1905, p. 2; Agosto 4, 1906, p. 2; Abril 14, 1909, p. 2; Setembro 23, 1911, p. 2. Para mais, veja Mayagüez, Puerto Rico-based Unión Obrera, Agosto 22, 1910, p. 2; Outubro 8 and 10, 1910, p. 2; Novembro 9, 1910, p. 1.

34 Luis Navas. *El movimiento obrero en Panamá (1880-1914)*. San José, Costa Rica: Editorial Universitaria Centroamericana, 1979, 120-125; Julie Greene. "Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904-1914." *International Labor and Working Class History* 66 (Fall 2004), 82; Harry A. Franck. *Zone Policeman 88: A Close Range Study of the Panama Canal and Its Workers*. New York: The Century Company (1913), 105, 120; Greene, *The Canal Builders*, 50, 161.

35 Franck, *Zone Policeman 88*, 105; Greene, *The Canal Builders*, 163.

36 *¡Tierra!*, 8 de julho de 1905. p.4. Esta questão relatou a chegada dos primeiros fundos a Havana da Zona.

37 *New York Times*, Novembro 15, 1906, p. 1

38 *New York Times*, Novembro 16, 1906, p. 1; Novembro 17, 1906, p. 1; Novembro 18, 1906, p. 1; Novembro 20,

Apesar das promessas de Roosevelt, as condições demoravam a melhorar para os trabalhadores não americanos. Em resposta, os anarquistas mobilizaram-se na Zona e lançaram uma campanha de sete anos contra os EUA para aumentar a consciência dos trabalhadores. Na esteira de greves no início de 1907, anarquistas denunciaram publicamente o controle dos EUA nas páginas do *¡Tierra !*. Como um escritor disse, recrutadores de emprego no canal deliberadamente mentiram para trabalhadores na Espanha, pintando cenários de excelentes condições, a fim de atrair mão-de-obra barata, enquanto a polícia excessivamente zelosa prendeu e multou os trabalhadores pela menor ofensa. Ilustrando a importância dos laços trans-caribenhos entre o Panamá e Cuba, mais de três dúzias de homens assinaram uma carta dirigida aos anarquistas de Havana, instando-os a enviar um aviso aos jornais espanhóis para espalhar a palavra para aqueles “ainda na Espanha com ilusões de vir” para o Panamá e que, se eles ainda quisessem vir, então eles deveriam esperar más condições e abuso da polícia e capatazes dos EUA.³⁹

Em julho de 1911, a insubordinação dos trabalhadores se espalhou na Zona do Canal com os trabalhadores novamente protestando contra as tais más condições. Seus superintendentes americanos substituíram os trabalhadores espanhóis pelos índios do oeste. Ataques de solidariedade entre classe eclodiram em toda a Zona, especialmente entre os trabalhadores espanhóis que se tornaram alvos do aumento da propaganda anarquista. Em agosto, a militância anarquista se espalhou, grupos anarquistas surgiram em toda a Zona e anarquistas organizaram a Federação de Agrupamentos e Individuos Livres do Istmo do Panamá. A Federação fortaleceu as relações transnacionais com Cuba. Por exemplo, cerca de 120 indivíduos assinaram um comunicado publicado na *Vía Libre* de Havana. As primeiras edições da *Vía Libre* foram financiadas principalmente por anarquistas com sede no Panamá, liderados por MD Rodríguez e Aquilino López - anarquistas espanhóis que trabalharam durante anos na comunidade anarquista de Havana.⁴⁰ Também, o diretor médico chefe, William Gorgas, relatou que pacientes espanhóis nos hospitais do Canal frequentemente tinham publicações anarquistas.⁴¹ Muito deste material chegou de Havana.

Enquanto algumas autoridades americanas começaram a acreditar que os anarquistas não eram uma ameaça violenta ao Canal, outros americanos expressaram incerteza sobre os anarquistas. Em 11 de setembro, a Federação de Agrupamentos começou a publicar o primeiro jornal anarquista na história do istmo. Nas páginas do *El Único* e nas reuniões, os editores do jornal e os líderes do grupo atacaram o TPI, as condições do local de trabalho, o sistema judicial da Zona e a polícia.⁴² O aumento na retórica e mobilização levaram a rumores de violência. Um padre católico na Zona,

1906, p. 1.

39 *¡Tierra!*, Setembro 7, 1907, p. 3.

40 *Vía Libre* (Havana), Agosto 5, 1911, p. 4.

41 Greene, “Spaniards on the Silver Roll,” 90-92; Greene, *The Canal Builders*, 172, 175.

42 *El Único* (Panama Canal Zone), Novembro 12, 1911, p. 30; Janeiro 12, 1912, pp. 61-2, 65; Supplemental, January 20, 1912.

Henry Collins, escreveu ao ICC em outubro expressando temores sobre os novos grupos descrevendo suas celebrações comemorativas do segundo aniversário da execução do educador anarquista Francisco Ferrer na Espanha, e espalhando a noção de que os anarquistas estavam migrando para a Zona para A ICC recebeu relatos de que anarquistas estavam conspirando para explodir as comportas de Gatún com a ajuda de colombianos.⁴³ No entanto, outros membros do ICC pediram cautela, observando que os oradores nas reuniões nunca pediram violência. Para aqueles que poderiam ter considerado deportar alguém como o líder Rodríguez (Bernardo Péres), um funcionário da CCI pediu moderação, temendo que a deportação só o transformasse em um mártir.⁴⁴ Em última análise, rumores de violência parecem ter sido apenas isso, e no início de 1912, o ICC deixou de relatar anarquistas - um movimento estranho, já que o número de grupos anarquistas continuou a se expandir até 1914.⁴⁵

Intervencionismo dos EUA, militarismo e anti-imperialismo anarquista, 1915-1924

Em meados da década, as atividades anarquistas caribenhas diminuíram um pouco sem uma organização próspera para unir ativistas. *¡Tierra!*, o principal jornal anarquista ligando os grupos regionais, encerrou no início de 1915. Anarquistas em Porto Rico perderam uma de suas vozes transnacionais mais estridentes - Juan Vilar - no Dia de Maio de 1915, após um longo declínio em sua saúde por um ano na prisão em 1912 por violar uma lei de censura imposta pelos EUA. A partir de 1915, muitos anarquistas se juntaram ao recém-formado Partido Socialista de Porto Rico. Em meados de 1916, os poucos restantes grupos anarquistas na Zona do Canal se mudaram para a Cidade do Panamá. Um ano depois, uma nova ordem executiva dos Estados Unidos que excluía pessoas indesejáveis da Zona espelhava as exclusões de 1904 colocando novamente os anarquistas na categoria daqueles com doenças, crimes e pessoas buscando “incitar a insurreição.”⁴⁶

Em 1914, o renomado escritor anarquista espanhol José María Blázquez de Pedro chegou ao Panamá para estabelecer um movimento hemisférico ligando anarquistas e outros progressistas nas Américas. Em 1919, Blázquez de Pedro uniu forças com o escritor porto-riquenho Nemesio Canales, o educador panamenho José Moscote e o recém-chegado educador anarquista argentino Julio Barcos para publicar *Cuasimodo: Magazine Interamericano* na Cidade do Panamá, que criticava cada vez mais os EUA. Embora Barcos percebesse que ele não era pró nem anti-EUA

43 Veja em ICC 1905-1914, 2-P-59.

44 Carta para Goethals de JKB, ICC 1905-1914, 2-P-59.

45 O ICC nunca teve um bom entendimento sobre os anarquistas da Zona durante esta atividade radical de 1911-12. De fato, havia dois grupos anarquistas rivais na Zona, ambos estabelecendo organizações locais em toda a Zona do Canal, comunicando-se com jornais rivais em Cuba e Espanha, e levantando dinheiro para causas anarquistas. Essa rivalidade é invisível aos registros do ICC. Veja *El Único* (Zona do Canal do Panamá), *¡Tierra!* e *Vía Libre* (Havana), *Regeneración* (Los Angeles, Califórnia) e *El Libertario* (Gijón, Espanha).

46 Shaffer, “Havana Hub,” 49; *Cultura Obrera* (New York), Maio 22, 1915, p. 2; Bird Carmona, Juan S. Marcano. Páginas Rojas. Humacao, Puerto Rico: Tipografia “Conciencia Popular,” (1919), 4; *Tierra y Libertad* (Barcelona).

como um todo, ele e Blázquez de Pedro não hesitavam em denunciar as ações dos EUA nas Américas.⁴⁷ Eles lamentaram a intervenção dos EUA no México sob o disfarce de “lei e ordem” quando foi realmente “petróleo, carvão, cobre, ouro, sisal, prata e muitos outros itens muito suculentos” que por muito tempo atraíram “muitos exploradores estrangeiros” para o México.⁴⁸ Além disso, eles atraíram elos entre a repressão doméstica dos EUA e a expansão no exterior. Por exemplo, *Cuasimodo* protestou contra o ataque do governo dos EUA contra os trabalhadores industriais anarco-sindicalistas do mundo, publicando uma avaliação de que “depois do czarismo russo, nenhum outro país seguiu uma política de repressão tão violenta, supressão radical da liberdade de imprensa, associação, união e de pessoas burguesas da América do Norte.” Este foi o lado doméstico das ações dos EUA no exterior, onde Cuba, República Dominicana, Panamá, México e Nicarágua se tornaram “colônias econômicas”. A coluna concluiu: “A Doutrina Monroe protege os Estados Unidos contra toda a intervenção européia, mas não contra a intervenção dos Estados Unidos no resto das nações americanas.”⁴⁹

Os editores de *Cuasimodo* também discutiram o impacto das ações dos EUA no istmo. Em abril de 1920, publicaram uma carta aberta ao presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, condenando o tratado de 1903 entre os dois países, embora as condições tivessem mudado substancialmente. Enquanto Wilson buscava melhores as relações com a América Latina, o tratado ainda autorizava os EUA a adquirir território panamenho através de domínio eminente, se isso ajudasse a defender o Canal. Tal postura “deixou o destino do pequeno povo panamenho inteiramente à mercê da constante sede de expansão pelos elementos imperialistas da América do Norte”. Por fim, perguntaram como Wilson poderia invocar a cláusula - desta vez para construir uma fortaleza no Panamá na ilha de Taboga - quando ele estava tentando melhorar a posição política e moral dos EUA na América Latina?⁵⁰

Em junho de 1920, Barcos atacou o que ele via como o falso pan-americanismo dos EUA, especialmente quando surgiam caudilhos que subverteram seus governos para seus próprios interesses, e depois reprimiram uma oposição enquanto os EUA não faziam nada. Esses déspotas eram criminosos “de toda a América” e não deveriam ser sustentados. Esses homens fortes estavam por toda parte na região.⁵¹ Dois meses depois que Barcos atacou o falso pan-americanismo dos EUA, os editores pediram aos EUA que parassem de ajudar os caudilhos. Eles sugeriram que os EUA deveriam derrubar ditadores se quisessem estar do lado de um verdadeiro pan-americanismo do povo.⁵²

47 *Cuasimodo* (Panama City), Junho 1919, pp. 32-3.

48 *Cuasimodo*, Outubro 1919, pp. 21-2.

49 *Cuasimodo*, December 1919, p. 55.

50 *Cuasimodo*, Dezembro 1919, p. 55.

51 *Cuasimodo*, Junho 1920, pp. 39-48.

52 *Cuasimodo*, Agosto 1920, p. 43.

Enquanto isso, em Porto Rico - onde Julio Barcos e Nemesio Canales se conheceram antes de partirem para o Panamá - um grupo de anarquistas em Bayamón ressuscitou o antiimperialismo anarquista. Em abril de 1918, formaram o “Grupo Souvarine.”⁵³ Em novembro de 1919, Antonio Palau, Juan M. Alicea e Emiliano Ramos renomearam a organização como o “Grupo Soviético de Bayamón”. Em um manifesto, ofereceram apoio a um transporte para uma greve dos trabalhadores nos EUA e em Porto Rico. Os trabalhadores porto-riquenhos se aliaram a seus aliados americanos em uma demonstração de força.⁵⁴ Então, no dia 20 de maio, os anarquistas Bayamón lançaram o *El Comunista*. Com o jornal, esse grupo se tornou a organização anarquista independente mais forte da história da ilha.

Sandalio Marcial, um colaborador regular do *El Comunista*, abriu o primeiro de maio de 1920 com um comício em Bayamón. Falando diante de duzentas pessoas, Marcial condenou o estado da educação pública na ilha, alegando que as crianças iam à escola para receber “principalmente uma educação militar. Uma criança que obtém sua oitava série tem um diploma para saber melhor como matar uma pessoa do que resolver um problema econômico.”⁵⁵ Na semana seguinte, Antonio Álvarez vinculou esse sentimento à criação da Guarda Nacional porto-riquenha. Álvarez acreditava que qualquer escola administrada pelo governo era perigosa. O sistema de educação pública - financiado pelo Estado e supostamente servindo ao mesmo - ensinava lealdade aos governos dos EUA e de Porto Rico, bem como habilidades e desejos dos jovens que os levariam a matar em nome do Estado. Álvarez advertiu seus leitores: “a verdadeira razão da existência da Guarda não era proteger o povo, mas ajudar a polícia a reprimir os trabalhadores em greve e os agitadores pela liberdade.”⁵⁶ Manuel García concordou. Ele estava assistindo à criação de uma unidade da Guarda em Bayamón. Ele advertiu os trabalhadores que compunham a unidade: “Trabalhadores de Bayamón e da ilha, vocês devem se recusar francamente a formar a tão louvada 'Guarda Nacional', que se tornará mais um meio que a burguesia crioula terá de defender-se por uma máquina, disparar e subjugar o povo.” García exortou os porto-riquenhos a considerarem suas palavras; depois de todas as suas viagens pelos EUA, ele havia testemunhado como a Guarda Nacional era usada contra grevistas para proteger minas e bancos.⁵⁷

Dentro desse contexto antimilitarista, anarquistas de Porto Rico e Cuba se uniram ao ataque à política externa dos EUA travada por anarquistas no Panamá. Em Porto Rico, García e Amelio Morazín condenaram a hipocrisia da política externa wilsoniana. Enquanto os EUA lutavam contra a Grande Guerra para expandir a democracia, as tropas dos EUA estavam, naquele momento,

53 Encarnita Montes de Rodríguez. “Nemesio R. Canales: Vida y Obra, 1878-1923.” MA Thesis in Hispanic Studies, Universidad de Puerto Rico-Río Piedras (1967), 20-22. *Yo Acuso* (Caguas, Puerto Rico), Abril 20, 1918, p. 4.

54 *Yo Acuso*, April 20, 1918, p. 4.

55 *El Comunista* (Bayamón, Puerto Rico), Maio 8, 1920, p. 4.

56 *El Comunista*, Maio 15, 1920, p. 3.

57 *El Comunista*, Julio 10, 1920, p. 2.

minando a democracia no Caribe. García conjurando a imagem de Wilson como um sugador de sangue: você queria “espalhar a liberdade e a democracia no mundo, e agora você é como uma hiena sedenta de sangue sugando Santo Domingo, Honduras, Costa Rica, Porto Rico e México.”⁵⁸ Nos olhos de Morazín, os EUA “nos falam sobre os 'pequenos países' terem o direito à autodeterminação e, no entanto, esses países infelizes plantados logo abaixo do gigante clamam” porque estão sob o domínio dos EUA. Da mesma forma, ele dizia que Porto Rico sofreu sob o gigante como uma “infeliz e miserável Sicília americana, uma espécie de Cinderela do Atlântico”, desprezada e maltratada.⁵⁹

Em Cuba, os anarquistas retrataram a ilha como um estado feudal norte-americano. No início de 1923, M. Cuervo desenhou uma imagem de Cuba esculpida em “pequenos Estados formados por empresas estrangeiras ... constituindo assim novos feudalismos.” Um ano depois, Cuervo retornou ao tema, descrevendo as centrais açucareiras de propriedade da Companhia Caná de Cuba em torno do cidade de Morón, onde ele morava. Ele ficou particularmente incomodado com a disposição de tantos homens da classe trabalhadora de se voltarem para seus colegas de trabalho, tornando-se parte do “exército de guardas que sustenta a vileza feudal” dos proprietários.⁶⁰

Em Cuba, o colapso dos preços do açúcar resultou em vários anos de declínio para a economia cubana. Em 1924, as empresas não podiam pagar suas dívidas e se tornaram proprietárias em grande número dos bancos norte-americanos que detinham as hipotecas. Os salários dos trabalhadores foram cortados e as greves espalharam-se por todo o país em todos os setores econômicos, especialmente no setor de produção açucareiro, nas ferrovias e manufaturas.⁶¹ Em novembro de 1924, a Federação de Grupos Anarquistas de Cuba divulgou um manifesto que visava organizar todos os trabalhadores nas plantações de açúcar. A federação culpou as pobres condições de trabalho pelo conluio entre as elites cubanas e americanas - um conluio protegido por tropas cubanas que defendiam “os interesses daqueles povos, a maioria dos quais vive fora de Cuba, sob o pretexto da necessidade de proteger os riquezas cubanas, colocadas em perigo pela greve dos trabalhadores.” Assim, para a Federação, os trabalhadores foram “humilhados pelas autoridades cubanas, colocadas incondicionalmente a serviço dos grandes negócios americanos”. Em última análise, concluiu o manifesto, “a influência do capital é mais forte do que o sentimento pelo pátria e para a humanidade, mais forte que a lei e a justiça.”⁶²

Repressões no Caribe: os EUA e seus aliados subjugam os anarquistas, 1920-28

58 *El Comunista*, Maio 8, 1920, p. 4.

59 *El Comunista*, Julho 31, 1920, p. 2.

60 *Nueva Luz* (Havana), Fevereiro 15, 1923, p. 11; *El Progreso* (Havana), Maio 8, 1924, p. 4.

61 Robert Jackson Alexander. *A History of Organized Labor in Cuba*. Westport, CT: Praeger (2002), 28-30.

62 *¡Tierra!* (Havana), Novembro 27, 1924, p. 1; *El Progreso*, Novembro 29, 1924, pp. 3 and 5.

Críticas duras dos Estados Unidos, o clima político do “medo vermelho” e a continuação da agitação anarquista levou à repressão apoiada pelos EUA em Porto Rico, Cuba e Panamá. Em setembro de 1920, o Serviço Postal dos EUA negou o status de segunda classe ao *El Comunista* quando o Serviço Postal decidiu que o jornal violava o Ato de Espionagem de 1917. O ato se tornou uma ferramenta no esforço de Washington para impedir que grupos comunistas e anarquistas usassem o correio dos EUA para disseminar propaganda depois da Revolução Russa. Então, em fevereiro de 1921, o jornal foi exposto aos caprichos capitalista quando foram aconteceram também uma série de demissões forçadas na ilha, resultando em um declínio acentuado das contribuições financeiras.⁶³

O ato do Serviço Postal e da pressão econômica foi acompanhada de maior vigilância. Em dezembro de 1920, o Departamento Federal de Investigações dos EUA aumentou o escrutínio dos radicais porto-riquenhos, incluindo os anarquistas de Bayamón. Em 31 de janeiro de 1921, o Agente Especial Hubbard descreveu o apelo dos anarquistas por uma revolução violenta e seu desejo de formar “um governo soviético controlado pelos trabalhadores”. Hubbard ofereceu aos seus superiores um gostinho do que poderia acontecer se os anarquistas não fossem subjulgados. Identificando 71 editores, escritores e membros, ele sugeriu que os anarquistas tirariam proveito da crescente disputa trabalhista para agitar os trabalhadores, possivelmente resultando em violência anarquista: “é evidente que o objetivo da propaganda publicada neste artigo é educar e incitar as classes trabalhadoras de Porto Rico à revolução e ao uso da violência na derrubada e destruição de todas as formas existentes de governo e sociedade.”⁶⁴

A investigação, a crescente repressão pelos Correios e a guerra econômica desencadeada acabaram com o *El Comunista* em fevereiro de 1921. Quatro anos depois, enquanto o movimento anarquista cubano aumentava para liderar numerosos sindicatos e federações, os cubanos elegeram o presidente Gerardo Machado, em parte em promessas de que ele iria proteger a independência cubana. Mas, na verdade, o que ele almejava era o controle à militância trabalhista liderada pelos anarquistas negando, assim, qualquer necessidade de os EUA enviarem tropas para Cuba. Esta foi uma continuação do uso do poder do Estado cubano para proteger principalmente as empresas norte-americanas, mas poucos estavam prontos para sua crueldade. Logo após tomar posse, o governo continuou a ofensiva contra anarquistas e comunistas. O governo fechou o anarco-sindicalista Sindicato dos Fabricantes e seu jornal *El Progreso*. Autoridades prenderam líderes anarquistas dentro do movimento trabalhista; alguns foram assassinados pela polícia. Outros anarquistas fugiram da ilha, se esconderam, pararam seu ativismo anarquista ou foram deportados.

63 *El Comunista*, September 18, 1920, p. 4; December 11, 1920, p. 4; February 2, 1921, p. 4.

64 “Information for General Intelligence Bulletin: The Communist Party of Porto Rico”, Janeiro 31, 1921, FBI OG, 202600-40.

Em Cuba, a imprensa anarquista parou de publicar em 1926.⁶⁵

A imprensa internacional anarquista divulgou reportagens sobre a repressão e condenou Machado, mas também focou a atenção no papel dos Estados Unidos. Em uma carta de Cuba enviada às publicações anarquistas nas Américas, um anarquista resumiu a repressão como o mais recente capítulo de uma triste saga de sonhos não realizados desde 1898. Depois da independência “os republicanos esqueceram os ensinamentos de [José] Martí e [Antonio Maceo, confiando suas “liberdades” ao facão da polícia rural e ao laço para enforcar trabalhadores dos ramos das árvores guasimais.” Sob Machado, trabalhadores e ativistas foram reprimidos pelos “servos das fortalezas industriais que Wall Street estabeleceu. Na colônia de Yanquilândia.” *La Protesta*, um importante jornal anarquista de Buenos Aires, ecoou esse tema: desde a época de McKinley, a “recomendação era deportar da ilha de Cuba e de todas as pequenas repúblicas que hoje os americanos dominam, todos os espanhóis e descendentes de espanhóis” - uma referência comum dos EUA aos anarquistas - porque “essas pessoas constituíam uma ameaça às ambições de ladrões do Tio Sam.” O escritor concluiu que o resto da América Latina precisava fazer algo antes que Wall Street e Washington as transformassem em outra Cuba.⁶⁶

Havia pouco que poderia ser feito nesse momento. Havana sediou a Sexta Conferência Pan-Americana em 1928, com Machado sendo o mestre de cerimônias. Os anarquistas o rotularam como a “VI Conferência de Pan... de Wall Street”. Escrevendo de Santiago em Cuba, “John Smith” lamentou essa fachada de “Pan-Americanismo”. O pior foi que alguns ex-anarquistas se tornaram principais defensores do pan-americanismo. Por exemplo, “Smith” acusou Orestes Ferrara - um ex-anarquista italiano na Flórida que foi a Cuba para ajudar na luta contra a Espanha - ser um lacaios de Machado. Ambos eram líderes do Partido Liberal cubano que agiam como “dois manequins de cobrança de dívidas de Wall Street”. Depois, havia Santiago Iglesias, de Porto Rico, que os anarquistas haviam desprezado desde que ele se afastara do anarquismo trinta anos antes. Iglesias era agora secretário da Confederação Pan-Americana do Trabalho da AFL - “outro instrumento de Wall Street, o mesmo que o Pan-americanismo.”⁶⁷

No Panamá, as condições para os anarquistas se tornaram igualmente ruins. De 1921 a 1922, anarquistas e socialistas colaboraram para controlar a Federação Obrera da República do Panamá (FORP) - a primeira federação trabalhista do país. José Maria Blázquez De Pedro foi eleito para o Comitê Executivo Central do FORP. Em julho de 1921, para promover suas agendas radicais, Blázquez de Pedro e seus companheiros formaram o Grupo Comunista - uma organização de mais de 50 radicais da Espanha, Colômbia, Venezuela, Porto Rico e Panamá que se reuniam

65 “El martirologio del pueblo cubano.” R. Lone Collection. Artículos Publicados. International Institute for Social History, Amsterdam. Italics in the original.

66 “De Estados Unidos: Un sirviente de Wall Street.” Lone Collection.

67 *Cultura Proletaria* (New York), March 28, 1928, p. 3.

semanalmente em Blázquez na casa do militante De Pedro. A natureza internacional do grupo, e o fato de ser liderado pelo anarquista mais conhecido do Panamá, atraiu a atenção das autoridades norte-americanas. “O perigo real”, concluiu um investigador dos EUA, “é a inculcação de ideias radicais nas mentes dos garotos da escola que parece que é o esforço particular de Blázquez De Pedro enredar em seus esquemas e idéias.”⁶⁸

Em 1923, os reformadores retiraram o controle da FORP do Grupo Comunista e os anarquistas viram-se virtualmente excluídos do sindicato que ajudaram a fundar. Não havia sinais claros de que a maré tivesse mudado para os comunistas e anarquistas desde a recepção calorosa que a FORP deu à AFL, quando o chefe Samuel Gompers visitou o Panamá em janeiro de 1924.⁶⁹ Ao longo de 1924, o Grupo Comunista lutou para recuperar a influência na FORP. Em dezembro, esquerdistas liderados por Blázquez De Pedro se separaram do sindicato e formaram o Sindicato Geral de Trabalhadores (SGT). Ao longo de 1925, o SGT liderou uma onda de ações trabalhistas, incluindo uma grande greve em 1925.⁷⁰

Onze anos após a inauguração do Canal, habitações caras tornaram a vida na República difícil para famílias trabalhadoras. Em Colón e na Cidade do Panamá, o custo de vida superou os aumentos salariais. De 1920 a 1925, os aluguéis aumentaram entre 25 e 50%.⁷¹ No início de outubro de 1925, a Liga de Inquilinos e Subsistência, ligada ao SGT, lançou uma greve de aluguel na Cidade do Panamá e em Colón. As tensões aumentaram quando os grevistas e a polícia se enfrentaram, resultando em inúmeras mortes e ferimentos. A polícia panamenha começou a prender membros panamenhos e estrangeiros da Liga, acusando o primeiro com traição e iniciando processos de deportação contra o último. Quando milhares de grevistas carregando bandeiras vermelhas seguiram para o cemitério carregando o caixão vermelho do primeiro manifestante morto pela polícia, a polícia panamenha, com baionetas, atacou a procissão. A violência continuada assustou as autoridades dos EUA e do Panamá. Invocando o Tratado EUA-Panamá de 1903, o novo presidente panamenho Rodolfo Chiari pediu ajuda militar dos EUA. Em 12 de outubro, o Exército dos EUA entrou na República.⁷² Eles foram recebidos com resistência e desafios. Uma multidão de vários milhares na Cidade do Panamá tentou impedir que as tropas dos EUA entrassem, mas eles foram dispersos quando soldados apontaram rifles fixos e baionetas contra a multidão. Em outros lugares, os grevistas tentaram cortar os cabos telefônicos e, ocasionalmente, as tropas foram confrontadas

68 Carta confidencial do Governador Jay Morrow para o Ministro estadunidense William Jennings Price, República do Panamá, Novembro 17, 1921, ICC 1914-1934, 2-P-70; Memorial para Governador para o Inspector George Vraff, Novembro 17, 1921, ICC 1914-1934, 2-P-8.

69 Marco Gandásequi. *Las luchas obreras en Panamá (1850-1978)*. Panama City, Panama: CELA (1990), 52.

70 Jorge Turner. *Raíz, historia y perspectivas del movimiento obrero panameño*. Mexico, D.F.: Editorial Signos (1982) 35-6.

71 Michael Conniff. *Black Labor on a White Canal: 1904-1981*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press (1985), 64-5.

72 ICC 1914-1934, 80-H-5; Hernando Franco Muñoz. *Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño*. Panama City, Panama: Movimiento Editores (1986), 189-91; Ricaurte Soler. *Panamá: historia de una crisis*. Panama City: Siglo XXI (1989), 53.

por militantes em motocicletas que carregavam bandeiras vermelhas. Os distúrbios, porém, foram de curta duração. Em 14 de outubro, as tropas dos EUA trouxeram calma à cidade.⁷³ Em 23 de outubro, o ataque da Liga havia sido suprimido na República e as tropas dos EUA retornaram à Zona do Canal. Em uma demonstração de força, Chiari proibiu o porte de bandeiras vermelhas e deportou estrangeiros “perigosos.”⁷⁴

A deportação de estrangeiros, especialmente anarquistas, no entanto, começou antes mesmo das tropas americanas saírem da Zona e entrarem no Panamá. Em 24 de setembro de 1925, a polícia panamenha prendeu Blázquez De Pedro e o transportou para uma prisão da Zona do Canal em Balboa, de onde foi deportado para Cuba. Este foi um mau momento para ser um anarquista deportado para Cuba. De fato, apenas três semanas antes da deportação de Blázquez De Pedro, os principais anarco-sindicalistas de Cuba, Antonio Penichet e Rafael Serra, foram presos na repressão de Machado.⁷⁵ Um mês depois de chegar a Cuba, o irmão de José María e camarada no Panamá também foi deportado para Cuba. Os dois homens viveram os dois anos seguintes em Cuba antes de finalmente sucumbirem à tuberculose em 1927.⁷⁶

Conclusão

No início do século XX, grupos anarquistas surgiram em Cuba, Porto Rico e Panamá, lutando para difundir suas ideias de libertação em três locais que foram “libertados” entre 1898 e 1903. Após uma mudança no status político do domínio espanhol ou colombiano, no entanto, todos os três lugares ficaram sob controle direto ou indireto dos Estados Unidos. O governo republicano ao estilo norte-americano, as leis, as forças armadas, as corporações e os sindicatos se espalharam para esses locais a partir do final da década de 1890 até a década de 1920 - todos projetados para melhorar as metas políticas e econômicas dos EUA.

Enquanto os anarquistas protestavam contra as elites locais e nacionais em Cuba, Porto Rico e Panamá, eles também se engajaram contra expansionistas norte-americanos. Este artigo ilustrou como os anarquistas em todos os três locais desafiaram e criticaram a presença dos EUA e os atores locais e nacionais que tomaram partido ou agiram em nome das forças políticas, militares e econômicas dos EUA. Os anarquistas atacaram a presença imperial dos EUA em toda a região pelo menos de duas maneiras. Primeiro, muitos desses anarquistas eram radicais transnacionais que migraram entre países. Originalmente, poderíamos contar com Santiago Iglesias, que se mudou de Cuba para Porto Rico. Mas outros anarquistas de Porto Rico como Emiliano Ramos, Alfredo Negrín, Luisa Capetillo e outros viajaram para o exterior para ligar a ilha à comunidade anarquista de Cuba. Ao mesmo tempo, dezenas de anarquistas, como D. Rodríguez, migraram de Cuba para a

73 New York Times, Outubro 13, 1925, p. 1; Outubro 14, 1925, p. 1; ICC 1914-1934, 80-H-5.

74 Soler, Panamá, 54-5; ICC 1914-1934, 80-H-5.

75 *El Inquilino* (Panama City), Agosto 23, 1925, pp. 1-2; Nueva Luz, Setembro 5, 1925, p. 1; ICC 1914-1934, 80-H-5.

76 Franco Muñoz, *Blázquez de Pedro*, 199; ICC 1914-1934, 80-H-5.

Zona do Canal do Panamá e ligaram os dois países, enviando publicações e dinheiro. Pessoas como J.M. Blázquez de Pedro chegaram à Zona em 1914 e durante a década seguinte mantiveram um relacionamento com anarquistas no exterior. Esses anarquistas migrantes criaram e sustentaram redes regionais, ligando grupos díspares, compartilhando informações, facilitando a informação e o fluxo de dinheiro, e ajudando a criar uma consciência regional de experiências compartilhadas vivendo e trabalhando sob a expansão dos EUA.

Em segundo lugar, a imprensa anarquista na região mostrou-se vital para sustentar esse fluxo transnacional de migrantes, dinheiro e informação. Muito do que podemos examinar sobre as redes anarquistas vem dos jornais que esses anarquistas publicaram. Através de sua mídia, anarquistas relataram suas experiências confrontando os norte-americanos enquanto lideravam esforços para desafiar governos militares dos EUA, sindicatos trabalhistas reformistas ou colaboracionistas e corporações “feudais” penetrando nos confins da região. Em Porto Rico ou Panamá, onde uma imprensa anarquista nativa era esporádica na melhor das hipóteses, os ativistas escreviam para a Havana descrevendo suas atividades. O jornal publicou as críticas anti-EUA de porto-riquenhos como Juan Vilar e Alfonso Torres. Da mesma forma, anarquistas no Canal escreveram para o *¡Tierra!* e *Via Libre* em Havana. Esses artigos foram publicados em Cuba e enviados a Porto Rico e à Zona do Canal para distribuição. Estes laços transnacionais ajudaram os leitores em todo o Caribe a entender seus próprios confrontos contra o imperialismo dos EUA sob uma luz comparativa.

Através da migração e comunicação, os anarquistas do Caribe criaram uma consciência regional anarquista que desafiava as fronteiras políticas. Em certo sentido, eles trabalharam para forjar uma “comunidade anarquista imaginada” para o Caribe, que incorporaria uma democracia autêntica de indivíduos livres e iguais liberados da exploração econômica, racial e de gênero, cometidos por forças locais, nacionais ou internacionais. Além disso, eles foram unificados em sua condenação da política dos EUA na região. Tradicionalmente, o anarquismo foi estudado dentro dos limites de um país. Na superfície, pode-se pensar em anarquistas em Cuba, Porto Rico e Panamá em termos de movimentos locais e nacionais porque eles responderam a questões geográficas imediatas, apoiadores, detratores e condições. No entanto, os anarquistas se consideravam internacionalistas e, portanto, faziam parte de um movimento global para disseminar conceitos anarquistas de liberdade e progresso. Essas redes e sua eficácia em mostrar as lutas comparativas em todo o Caribe trabalharam para desenvolver uma consciência anarquista que não era localizada, mas regionalizada, e entendida no contexto do expansionismo americano após 1898.

As lutas anarquistas contra a expansão dos EUA foram surpreendentemente paralelas aos confrontos da globalização que apareceriam um século depois. Especialmente após os protestos da Organização Mundial do Comércio em Seattle, em 1999, as forças anti-globalização denunciaram

as intervenções militares dos EUA em todo o mundo e denunciaram as ligações entre essas intervenções e a expansão e proteção de organizações internacionais capitalistas. Os anarquistas globais modernos estão na vanguarda dos novos esforços anti-globalização, fazendo campanha pela proteção da autonomia local, direitos humanos e liberdades básicas contra o que eles vêem como uma nova onda de imperialismo global de corporações e países ricos. Suas lutas são transnacionais, ligando organizações locais e nacionais através do fluxo de contribuições, mídia, internet e ativistas itinerantes para combater manifestações locais da globalização capitalista e reuniões internacionais de seus representantes. Enquanto os anarquistas do século XXI enviam dinheiro e informações ao longo de redes de comunicação digitalizadas e jatos para conferências ou demonstrações em velocidades recorde, seus antecessores podem ser encontrados nas Américas no início de 1900, fazendo o mesmo - um pouco mais devagar. Em particular, os anarquistas em toda a Bacia do Caribe forjaram uma rede de comunicação, financeira e migratória para combater a globalização capitalista liderada pela América do Norte que encontra seu legado nas lutas de hoje. De fato, a Bacia do Caribe no início do século XX foi o local do primeiro confronto na longa luta entre anarquistas transnacionais e representantes da política externa dos EUA.

Tradução: Instituto de Teoria e História Anarquistas

Publicado no site do ITHA em 03/04/2019